

Sexualidade e socialismo*

de Sherry Wolf

História, política e teoria da libertação LGBT

History, politics and theory liberation LGBT

por Carlos Wellington Soares Martins*

A tradução, tardia, mas bastante esperada, da obra da marxista estadunidense Sheryl Wolf traz à tona um debate ainda pouco exercitado por teóricos, militantes e ativistas que tem no materialismo histórico dialético o norte para suas ações e análises que é a relação entre sexualidade e socialismo. A obra foi lançada originalmente em 2009 nos EUA e só agora têm a sua tradução no Brasil realizada pelo Coletivo LGBT Comunista como parte integrante de um esforço em traduzir e divulgar obras marxistas com foco na história e teoria da libertação LGBT.

Wolf tem formação em filosofia, atualmente é vice-diretora da *International Socialist Review* e coordenadora sindical da Associação Americana de Professores Universitários da Universidade Rutgers, é uma ativista lésbica com uma proeminente ação teórica e política sobre os temas: LGBT, imperialismo, esporte, conflito entre Israel e Palestina, feminismo e política nos EUA colaborando com o debate dessas temáticas em veículos como: *The Nation*, *The Advocate*, *Counterpunch*, *Monthly Review*, *Dissident Voice* e *Socialist Worker* configurando-se como uma das mais proeminentes socialistas que abordam a questão da sexualidade.

A obra “Sexualidade e socialismo: história, política e teoria da libertação LGBT” divide-se em nove capítulos onde Wolf emprega uma abordagem materialista acerca da sexualidade trazendo a perspectiva histórica para apreensão dos fenômenos como ora se apresentam. No capítulo inicial “As raízes da opressão LGBT” a autora apresenta uma perspectiva não usual, seja por teóricos ou militantes do campo da sexualidade, que é a compreensão que o modo de produção capitalista incorre no favorecimento da construção de uma identidade LGBT se contrapondo as ideias essencialistas que essa identidade seja inata, entendendo como um processo de construção social, mas com base material, indo de encontro da

* São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

* Doutor em Políticas Públicas (UFMA), São Luís-MA, Brasil. Membro do Observatório de Políticas Públicas LGBTI+ e Conselheiro Estadual de Direitos da População LGBTI+ do Maranhão Brasil. End. eletrônico: cawell2000@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7307-2983>

concepção que a identidade LGBT seja supra-histórica: “As condições econômicas e sociais ainda não haviam se desenvolvido de maneira a permitir que um grande número de pessoas se reconhecessem, se expressassem ou explorassem o desejo pelo mesmo sexo como uma característica central de suas vidas ou de suas identidades” (Wolf, 2021, p.40).

No capítulo dois “Repressão, resistência e guerra: o nascimento da identidade gay” Wolf continua a aprofundar o postulado anterior reforçando que existia um comportamento homossexual, mas que a identidade, tal qual a conhecemos, se estabeleceu em decorrência de processos históricos que favoreceram a consolidação do capitalismo. Apresenta o contexto histórico dos primeiros movimentos organizativos, a tentativa de articular combate às opressões com a exploração de classe e a tendência de alguns movimentos e militantes serem cooptados pelo discurso da direita. Nesse capítulo Wolf apresenta uma justificativa problemática e contraditória, acerca da garantia da inserção de LGBTs nas forças armadas estadunidenses com argumentos que são, inclusive, contrarrevolucionários quando tangencia mercado, empregabilidade, representatividade para servir ao projeto imperialista bélico dos EUA.

No capítulo seguinte “O mito da homofobia marxista” a teórica rebate críticas de que a teoria marxiana desconsidera, ou relega a segundo plano, o debate sobre as opressões trazendo a atuação política e intelectual de marxistas históricos que apresentaram importantes contribuições para o campo da sexualidade como: Engels, Eleanor Marx, Karl Ulrichs, Alexandra Kollontai, August Bebel, Edward Bernstein, Edward Carpenter, Magnus Hirshfield, Wilhelm Reich entre outros. Porém, assim como a fragilidade de análise no capítulo anterior, Wolf cai na imprecisão histórica ao fazer à crítica as experiências socialistas reais com foco na China, Cuba e antiga União Soviética ao desconsiderar o movimento e tempo histórico de cada realidade, e suas limitações, bem como incorre na reprodução de discursos conservadores, e até reacionários, ao comparar as experiências socialistas com o fascismo, nazismo e totalitarismo desconsiderando a historicidade e os movimentos das formações sociais distanciando-se de uma análise materialista.

Em decorrência desse “distanciamento” entre opressão LGBT e exploração da classe trabalhadora e pelo forte avanço dos movimentos sociais, estes defendidos por alguns teóricos como o sujeito da revolução, não mas a classe trabalhadora, e pegando carona no movimento cultural que florescia nos EUA, que Wolf apresenta no capítulo quatro: “O nascimento do *gay power*” esse crescimento de grupos, organizações, sindicatos com destaque para a Frente de Libertação Gay e a Aliança Ativista Gay e esmiúça a Revolta de Stonewall enquanto fruto de um processo histórico e símbolo de luta pelo combate a opressão LGBT, as divergências de abordagem e ação que geraram rupturas em um determinado grupo que tinha uma perspectiva mais revolucionária e outro mais conservador e reformista.

No capítulo posterior Wolf traz o seguinte questionamento: “Onde foi parar a libertação gay?” onde aborda questões como cooptação do movimento pelo mercado, por um discurso conservador e reacionário e por não avançar nas tratativas com o Partido Democrata, tido por muitos ativistas LGBTs como um “aliado” da referida população. No capítulo “Em defesa do materialismo: pós-modernismo, políticas de identidade e a teoria *queer* em perspectiva” a autora traz uma enorme contribuição para o debate, evidenciando diferenças teóricas e epistemológicas alertando o cuidado que se deve ter ao aderir a postulados que não apresentam uma proposta de ação coletiva de mudança no sistema, orientados por uma perspectiva individualizante e contrarrevolucionária. Wolf foca nas produções de Foucault e Judith Butler como expoentes do pós-modernismo, pós-estruturalismo e teoria *queer* no campo da sexualidade e a centralidade da linguagem, do discurso e das relações de poder nos seus trabalhos, porém vale pontuar que, atualmente, já existem articulações entre as perspectivas no sentido de produções materialistas sobre sexualidade por teóricos que se reivindicam como marxistas *queers*, e a própria Butler apresenta uma tentativa de resposta às críticas feitas ao seu livro “Problemas de gênero” com a apresentação da materialidade no debate da sexualidade na obra “Corpos que importam”.

No capítulo seguinte “Biologia, ambiente, gênero e orientação sexual” Wolf rebate perspectivas patologizantes da identidade LGBT retomando algumas discussões apresentadas nos dois primeiros capítulos e reafirmando que a sexualidade é um construto social com base material “[...] sexualidade e gênero são construídos socialmente, e para que os seres humanos possam alcançar a autodeterminação, nós devemos transformar a ordem social que limita e patologiza alguns tipos de comportamento humano” (Wolf, 2021, p. 313).

No capítulo “Mexeu com um, mexeu com todos” traz as articulações em torno dos direitos civis LGBTs e foca na figura de Harvey Milk, primeiro homossexual assumido eleito para um cargo nos EUA, aborda questões como o mito da homofobia negra e a luta por reformas. Por fim encerra a excelente exposição com o capítulo: “Libertação sexual para todos” no entendimento que uma revolução que visa a emancipação humana deva atender todos os aspectos, inclusive, a sexualidade, pois como encerra Wolf “[...] a libertação sexual parece impossível sem a libertação política, econômica e social que reside no cerne do socialismo” (Wolf, 2021, p. 369).

É incontestável que a obra de Sheryl Wolf apresenta elementos importantíssimos para o campo da sexualidade sob uma ótica materialista, excetuando suas análises sobre a inserção de LGBTs nas forças armadas estadunidenses bem como sobre as experiências socialistas reais que apresentam fragilidades e contradições em seus postulados, o que torna a leitura do posfácio da edição brasileira, escrito pelo Coletivo LGBT Comunista, imprescindível, onde problematizam as questões evidenciadas que merecem um olhar mais cuidadoso. Wolf também peca no sentido de privilegiar o debate sobre orientação sexual em

detrimento de expressões e identidade de gênero subalternizando o protagonismo que travestis, mulheres trans, homens trans tiveram tanto na rebelião de Stonewall, como é o caso de Marsha Johnson e Sylvia Rivera, quanto não aborda as formas organizacionais e de movimentos destes grupos e suas conquistas na esfera de direitos, incorre, em um erro muito comum até hoje, de privilegiar o debate gay e lésbico em detrimento das demais identidades que compõem a sigla LGBT. Mesmo trazendo o recorte da realidade americana podem ser feitos paralelos, guardadas as devidas diferenças, com a realidade brasileira no que diz respeito às lutas sociais e a população LGBT, até porque publicações desta natureza ainda são, infelizmente, escassas, o que causou expectativa com o lançamento da referida obra.

LGBT tem classe e é a classe trabalhadora. Boa leitura!